



Vidas Diversas

Histórias de quem resiste

DANIELA PENHA

Outras Palavras
Outras
Palavras

Vidas Diversas

Histórias de quem resiste

DANIELA PENHA

“UM PROJETO HISTÓRIA DO DIA”

RIBEIRÃO PRETO

2023


Financiamento: _____



Secretaria da
Cultura e Turismo



“Projeto FMC-RP, “Vidas Diversas – Histórias de quem resiste “, Edital 001/2022, beneficiado pelo Fundo Municipal de Cultura de Ribeirão Preto”. “O conteúdo desta obra é de responsabilidade exclusiva do autor e não representa a opinião dos membros da Comissão Municipal de Incentivo à Cultura do Fundo Municipal de Cultura ou da Secretaria Municipal da Cultura e Turismo da Prefeitura de Ribeirão Preto”.



**A todos e todas que fazem de suas
histórias um ato de resistência**

EXPEDIENTE:

Textos: Daniela Penha (danielapenhamb@gmail.com)
www.historiadodia.com.br

Revisão: Ana Cândida Tofeti de Oliveira
(anacandida@outras.com.br)

Edição: Outras Palavras (www.outras.com.br)

Capa e ilustrações: Lucas Sartorato Busatto (Lbusatto@gmail.com)

Projeto gráfico/Diagramação: Jaque dos Santos
(jaque_dossantos@hotmail.com)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Penha, Daniela
Vidas diversas [livro eletrônico] : histórias
de quem resiste : "um projeto história de vida" /
Daniela Penha ; ilustrações Lucas Sartorato
Busatto. -- Ribeirão Preto, SP : Outras
Palavras, 2023.
PDF

ISBN 978-65-87254-15-9

1. Biografias 2. Diversidade 3. Histórias de
vida 4. Resiliência I. Busatto, Lucas Sartorato.
II. Título.

23-181276

CDD-920.02

Índices para catálogo sistemático:

1. Biografia : Coletâneas 920.02

Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253

HISTÓRIA DO DIA

Todo mundo tem uma história para contar.

História do Dia nasce com o objetivo de semear e fortalecer essa ideia ao publicar trajetórias de vida de pessoas de Ribeirão Preto e região por meio do Jornalismo Literário.

Com mais de 450 publicações em seu acervo digital, quatro livros lançados, exposições interativas, bate-papos, oficinas e muitos encontros, História do Dia promove a preservação das memórias de nossa gente. E nos faz despertar para a importância de nossa história de vida.

A jornalista Daniela Penha é quem criou e coordena o acervo. Foram muitas as conquistas e projetos desenvolvidos desde 2017, quando o portal foi ao ar com sua primeira história publicada. Este ebook é mais uma delas!

A proposta deste livro digital foi contemplada no Edital Encantos, da Secretaria de Cultura e Turismo de Ribeirão Preto. Mais um trabalho feito com muito afeto, que retrata a diversidade de existir e de resistir em múltiplas formas.

Venha conhecer mais de nossa trajetória! Inspire-se ainda mais com nossas histórias!



NOTA DA AUTORA

Preconceito. Pré-conceito. Aquilo que vem antes, de antemão, sem informações, mas repleto de julgamentos. Sem conhecer, eu rotulo. Nula de empatia, eu isolo. Nesse caminho, o preconceito ganha espaço para construir muros. Deixa marcas que não se apagam. Os entrevistados desse livro transformam a dor em resistência, entretanto.

Não é um caminho fácil. Não há fórmulas para lidar com algo que extrapola os limites do respeito, veste-se por vezes de crueldade.

Então, cada um cria sua rota, tece suas pontes. Não há história feita só de dor. Aqui, há muito afeto narrado. Amor de mãe, pai, amigos. Amor próprio.

“Vidas Diversas – Histórias de quem resiste” é um retrato das múltiplas formas de ser, da diversidade do existir. Não somos iguais. Somos únicos, singulares. É isso que faz do mundo um lugar tão interessante, colorido e surpreendente.

Mas é isso também que causa tanto estranhamento, tanta ira.

Na minha trajetória escrevendo histórias de vida eu tenho visto transformação.

Já publiquei cerca de 450 perfis biográficos. Uma das recompensas mais bonitas do meu trabalho é perceber que possibilitar o conhecimento sobre o outro é criar uma ponte para o respeito.

Mergulhar na trajetória daquele que, até então, era “diferente”, proporciona identificação. E, quando há identificação com as dores e alegrias do outro, abre-se a possibilidade da empatia. O outro torna-se próximo, torna-se parte.

Eu acredito, com muita força, que as histórias de vida são antídoto contra o preconceito. Elas podem transformar ideias, abrir mentes, ampliar olhares. Porque elas são o retrato das vidas, em suas singularidades. E em todas as vidas, tão singulares, há algo de comum. Algo que une e coloca todo ser humano na mesma página.

Eu espero que essas histórias tão inspiradoras possam transformar e unir.

Escrever é também um ato de resistência, afinal.

Agradeço a todos e todas que me contam suas trajetórias e, assim, me permitem entrar em suas vidas. Dessa forma, também entram na minha. Escutando e escrevendo as histórias de tanta resistência, que apresento aqui, eu me tornei outra. E essa possibilidade, de me transformar, é um baita presente.

Agradeço à Secretaria de Cultura e Turismo de Ribeirão Preto, que tornou esse livro possível, por meio do edital Encantos.

Agradeço aos familiares, amigos, parceiros, leitores: a cada um que me acompanha e faz minha trajetória possível.

Sigamos resistindo sempre. Resistir é existir!

DANIELA PENHA



Macalé
combateu o preconceito
com sua arte



Macalé mostra a maleta de madeira lotada de materiais de pintura de todo tipo.
– Hoje eu me vejo como um pobre cara rico. Porque eu tenho pincéis e tintas.

Começou a pintar com um único pincel e cinco tubos de tinta usados, que o patrão do irmão descartou. Sem conhecimentos técnicos, colocava o sentimento que morava dentro nas telas que confeccionava em casa – porque não tinha verba para comprar.

O preconceito é uma coisa que está impregnada em mim. Na minha pele.

Antes de se tornar um artista conhecido por todo estado de São Paulo, Jaime Domingos Cruz, o Macalé, era alguém lutando, na sombra do preconceito.

O menino que nunca era convidado sequer para lavar a piscina do patrão, como seus amigos brancos. O jovem que assistia aos carnavais que aconteciam no porão do Theatro Pedro II pela abertura da ventilação. O homem que não podia transitar no quarteirão paulista.

O atleta que tinha muito potencial, mas não pôde continuar competindo nas corridas de bicicleta porque precisava colocar comida em casa.

– Quando eu comecei no ciclismo tinha um cara intitulado como treinador, mas ele não treinava todo mundo. Eu estava me destacando, mesmo com uma bicicleta simples. E um dia ele me disse que eu



deveria fazer atletismo, porque precisava só de um tênis, camiseta e calção. O filho dele corria. E depois eu fui entender que, na verdade, ele não queria perder para um negro. De 15 atletas, dois, três eram negros. E eu era o único que tinha destaque.

Hoje, ele mostra orgulhoso as bicicletas que guarda no ateliê. Diz que tem oito bikes, duas equipadas para corrida, como um dia pensou que seria impossível conquistar. Quatro anos atrás, já aos 74, foi pedalando de Ribeirão Preto a Brodowski. Coisa de honra, sabe?

Mais que as bicicletas, porém, se orgulha de ter um teto seu, onde guardá-las. Seu pai e seus avós não tiveram um pedaço de terra para deixar de herança.

– Para o negro, tudo é mais difícil. Mas eu nunca parei de lutar. E está havendo uma transformação. Eu mesmo não pude estudar e nem meus filhos, porque não tinha como pagar faculdade. Mas minha neta está fazendo faculdade. Todos os meus netos estão traçando um caminho bom. A maior herança que eu vou deixar para eles é o meu nome.

Macalé viu sua vida ser transformada pela arte. Pintava as dores negras, o preconceito, a desigualdade em arte naif. E encantou gente do mundo afora. Tem obras suas na Itália, Cuba e Japão. Além de outras espalhadas pelo Brasil.

Depois que se descobriu um artista, passou a integrar os movimentos da cultura negra em Ribeirão Preto, fez parte do grupo Travessia, organizou e integrou eventos, encontros, rodas de conversa sobre a valorização da cultura negra. Norteou sua trajetória contra o preconceito, que tanto o feriu.

Hoje, com 46 anos de carreira, entende que há ainda um longo caminho a percorrer. Mas celebra o que já foi conquistado.

Antes eu não era convidado nem para limpar uma piscina. Hoje, eu posso nadar.



Tudo o que Macalé conta em sua história está registrado em recortes de revistas, jornais, panfletos, documentos que ele guarda em muitas pastas nos armários do seu ateliê. Aprendeu, bem cedo, que é preciso estar atento e forte.

– Se eu não tenho um documento, muitos acreditam, outros não.

Tem, até mesmo, recortes da década de 60, quando competia em corridas de bicicleta, com sua magrela improvisada.

Jaime Domingos Cruz nasceu em Orlândia, em família humilde. Seu pai trabalhava com máquina de beneficiamento de arroz. Sua mãe era dona de casa, cuidava dos cinco filhos e lavava roupas para fora.

Quando Macalé tinha oito anos, a família veio morar em Ribeirão Preto. Até então, ele não tinha o apelido. Quem tinha era um de seus irmãos, que trabalhava recolhendo bolinhas de tênis nas quadras de jogos e era chamado: “Corre Macalé, traz a bola!”.

Um dos seus primeiros trabalhos foi de entregador de jornais, aos 10 anos. Seu pagamento eram dez jornais, que tinha que conseguir vender para levar algum dinheiro para casa. Trabalhou também na colheita do café e da cana, como engraxate de sapato, entregador de marmitas e, já adulto, foi para a área de construção civil, como pedreiro e pintor de parede.

Macalé estudou até o quarto ano da escola e não pôde fazer faculdade, mas não deixou de se especializar. Mostra a coleção de diplomas que conquistou fazendo cursos gratuitos na área de construção civil e relações humanas.

Além do trabalho, um dos motivos que lhe fez desistir de frequentar as aulas foi o preconceito. Conta que passou por dezenas de escolas em Ribeirão Preto, porque recebeu também dezenas de expulsões. Ia para a briga com os meninos que lhe insultavam.

– A corda sempre arrebenta para o lado mais fraco.

No caso, era eu.



Foi ainda adolescente que começou a paixão pelo ciclismo. Um amigo tinha uma oficina de conserto de bicicletas e, depois do trabalho na usina de cana, Macalé passava por lá. Ficava ouvindo as histórias das corridas e foi se encantando.

Em um Natal, o amigo ganhou uma bicicleta nova e reformou a antiga para que Macalé pudesse também começar a correr.

– Fomos até Brodowski! A estrada era toda de terra. Eu gostei tanto! Vi que tinha fôlego.

Começou a participar das competições e, mesmo com uma bicicleta simples, que o amigo ia melhorando conforme sobravam peças, conseguiu se destacar.

Ganhou, assim, o apelido de Macalé, pelas pessoas que conheciam seu irmão: “Ô, Macalezinho”, eles gritavam, então, na pista. Ele diz que não sabe o que significa o nome, no entanto. Correndo, Jaime era notado.

– O ciclismo era um jeito de as pessoas me verem. Era a única coisa na qual eu me destacava.

Ganhou medalhas, mas a dificuldade para equipar a bicicleta era grande. Para continuar, precisaria comprar um veículo apropriado para as competições, que na época custava um preço que ele não podia pagar. Já casado, aos 25 anos, foram chegando os cinco filhos, que se tornaram a prioridade.

– O meu muro eram seis, sete litros de leite por dia que o leiteiro deixava!

A pintura surgiu, então, inspirada pela filha mais velha, que hoje tem 52 anos. Macalé estava ensinando a pequena, com cinco anos, a desenhar. E foi tomando gosto.

O irmão resgatou os tubos de tinta que o patrão havia descartado, Macalé confeccionou algumas telas e as primeiras pinturas saíram, em 1973.



Um amigo foi quem deu o empurrão para que a arte fosse vista. Em visita à casa do artista, incentivou: “Poxa! Está muito bacana! Por que você não leva na Praça XV?”.

Uma feira de artesanatos era realizada aos finais de semana na praça da região central. Com o incentivo do amigo, Macalé decidiu tentar. Não foi de primeira, porém.

– Alguns riam, mas outros queriam comprar.

Quando vendeu sua primeira tela, sentiu que deveria continuar. Conseguiu com uma obra mais do que o salário que ganhava em um mês trabalhando como pedreiro.

Mas o incentivo maior veio por um jornalista, que passando pela feira notou a riqueza do trabalho de Macalé e lhe convidou para uma entrevista na rádio.

– Foi um sucesso! No outro domingo, todo mundo veio falar!

A repercussão foi tão boa que o mesmo jornalista teve a ideia de organizar uma exposição pública das telas.

– Eu nunca mais parei!

A arte abriu caminho para o que Macalé sentia, mas não sabia ser possível expressar. Ele passou a integrar o grupo de teatro Travessia e a se apropriar de um espaço que sempre fora seu.

– Eu comecei a entender o que eu vivia, a perceber o preconceito e a lutar pela cultura afro, pela valorização das raízes.

O grupo se apresentava, entre outros lugares, na praça XV, onde até pouco antes os negros não podiam pisar. Macalé participou de movimentos e esteve entre o grupo que acampou no Theatro Pedro II, após o incêndio que levou quase tudo ao chão, em 1980.

Houve uma iniciativa para demolir o que havia sobrado e integrantes dos movimentos culturais fizeram vigília em frente ao patrimônio histórico para impedir a ação.



– Nós ocupamos o que era nosso. O que é nosso.

São centenas de recortes de jornais e revistas, panfletos rememorando as mostras, eventos, apresentações das quais ele participou, sempre como um artista negro, com a valorização da cultura afro.

Entre as décadas de 80 e 90 coordenou um projeto com crianças, no Museu do Café. Aos domingos, ministrava oficinas de pintura e argila e lotava o espaço público de criançada. Aparece em uma foto rodeado de umas 50 delas, e diz orgulhoso:

– A turma foi crescendo! Veio muita gente conhecer.

Também precisou de garra para fazer a ideia dar certo. Buscou apoio do poder público para a compra de tintas e pincéis, mas o que recebeu era insuficiente. Começou, então, improvisando os pincéis com varetas e algodão. E, depois, pensou em uma forma definitiva de resolver a escassez de materiais.

– Tá vendo esse monte de pincéis? Eu é que fiz!

Passou a produzir seus próprios pincéis com sisal e bambu. Foi um sucesso com a criançada!

Em 1978, chegou a ter uma loja de decorações, mas diz que não aguentou um ano de portas abertas, por falta de capital. Por muito tempo, então, dobrou turnos entre o trabalho com as artes e a construção civil, até conseguir viver do que ama.

Marcou a data em que começou a construir sua casa, no Monte Alegre, pela morte de uma grande intérprete: janeiro de 1982.

– Foi no ano em que a Elis morreu.

Conta, orgulhoso, que levantou sozinho cada tijolo.

– Ainda estou construindo! Não está terminada.

Há alguns anos, foi homenageado pela paçoca de carne, iguaria que seu pai lhe ensinou a fazer e ele aprimorou, com carne de sol, temperos, farinha. Conta que serviu o prato em muitas exposições e



bares de Ribeirão, mantendo as raízes.

– A gente comia com a mão, como era a tradição.

Macalé, aos 78 anos, custa a entender o preconceito.

– É para se pensar... todo mundo é ser humano e tem o mesmo sangue vermelho correndo nas veias. Mas é porque a pele é diferente... as pessoas se acham mais importantes pela cor da pele, mas não veem o coração.

Batizou uma de suas coleções de telas por “O sol nasceu para todos” e trata das diversas desigualdades. Os casarios, desenhados em uma porção de quadros representam tanto a casa própria, que seus antepassados não puderam conquistar, quanto as favelas, lares de muitos negros.

– Meus sentimentos estão nas minhas obras. Eu pinto as memórias, os preconceitos, as barreiras sociais.

Ele acredita que, não fossem essas coisas todas, poderia ter outro reconhecimento.

– Se tivesse uma igualdade, eu poderia estar mais à frente com as minhas obras.

Mas aprendeu bem cedo a não abandonar a corrida.

Atualmente, está tentando organizar seu acervo, catalogar as telas, para, quem sabe um dia, fazer um leilão.

– A arte mudou minha vida porque eu consegui ter um lugar ao sol. Pequeno, mas consegui. Tenho orgulho quando falam de Macalé.

Hoje, já não faltam tintas, pincéis, telas em sua grande maleta de madeira. Garra, porém, nunca lhe faltou. Foi ingrediente tão abundante que nunca coube em maleta. Macalé é história de luta. Parte de Ribeirão.



Mãe Neide
é luta e resistência pela
cultura **NEGRA**



Neide é, por si só, uma lição. Lenço na cabeça, vestido estampado, brinco de argola, pulseiras douradas, anéis de pedra. A luta pela identidade africana é escancarada. Como ela faz questão que seja.

– Lutar contra o preconceito é um trabalho árduo e não se pode desistir. Quando você pensa que melhorou, percebe que tem muito mais trabalho a ser feito. É todo dia.

Fundou o Centro Cultural Orùnmilá, em Ribeirão Preto, em 1985 e, desde então, defende não só a religião africana, mas tudo o que diz respeito ao ser negro.

O centro oferece oficinas culturais para crianças da periferia, atividades para os adultos, celebra os rituais africanos à risca e todo ano, há quase três décadas, coloca o Afoxé na rua nos dias de Carnaval.

Tem tantos frequentadores que ela diz não saber o número certo. Só no Carnaval juntam 300 pessoas.

Mãe Neide, como é chamada, não tem medo de brigar com o poder público pelo que é direito e, para isso, integrou o Conselho Municipal da Defesa da Mulher representando a mulher negra, manifestou quando foi preciso e continua a manifestar.

Aos 80 anos, tem poucas rugas e nenhum cansaço.

– É gostar da vida, sabe? Tomar muita água, nunca negar um ‘bom dia’, estar preparado para tudo e agradecer por ter saúde.

A menina Neide foi criada por mãe negra e padrasto alemão. Fez



aulas de piano e frequentava as missas na igreja católica.

Aos seis anos, começou a ter desmaios que nenhum médico conseguia explicar. A mãe foi buscar explicação na religião. Entendeu ali que deveria seguir pela religião africana.

– Eu descobri que nasci para ser mãe de santo.

Conta que, através da religião, soube também que era preciso lutar pela sua identidade como um todo. Sentiu o preconceito bem cedo. O professor corrigiu seu trabalho de matemática, perguntou se a amiga japonesa era quem tinha feito e Neide passou a questionar:– O que ele queria dizer? Eu não tinha capacidade? Fui percebendo que era preciso buscar igualdade.

Já adulta, a vontade de ter o seu lugar ficou latente. O marido era de Ribeirão Preto e eles decidiram que aqui seria o lugar para criar as três filhas e semear a conscientização.

Escolheram a periferia, quase à beira da Via Norte, poucas quadras da favela que se forma no final da avenida. A região era mato e terra vermelha.

– Lembro de ter passado por aqui e pensado: Imagine quem vier morar aqui, coitado! E foi aqui que eu vim parar. Foi aqui que meu coração bateu.

Sem apoio do poder público, ela já teve que vender o próprio carro para colocar o Afoxé na rua nos dias de Carnaval. Relembra o ano em que saíram levando uma “faixa social”, em suas palavras, que dava o recado: “Tudo que está aí, vem daqui”.

– O Carnaval é uma forma de colocar a cultura e o povo na rua.

Neide tem um tantão de planos para o futuro. Pensa que, ao mesmo tempo em que há progressos, há retrocessos abissais.

– O momento é de reflexão em todos os sentidos. É só abrir a janela que a gente percebe. As coisas precisam mudar e as pessoas estão mudando. Sou muito positiva e sempre acho que vai melhorar.



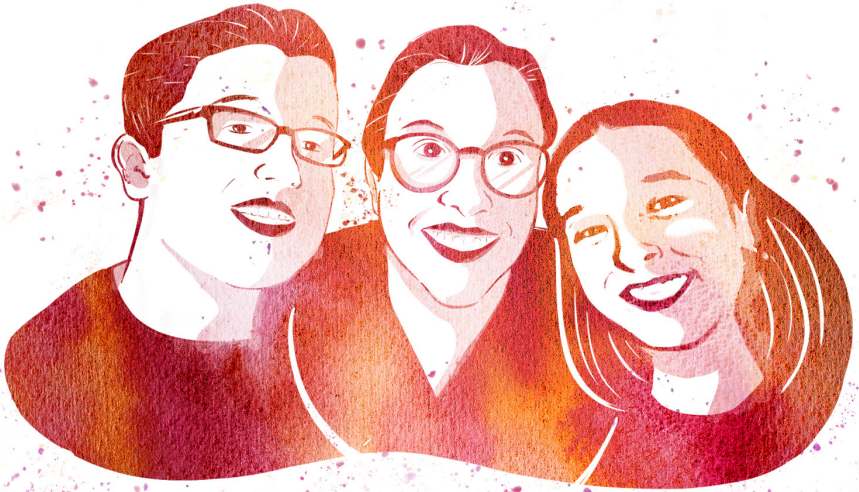
Assim como acredita nas pessoas e no dia em que cada um vai respeitar o espaço do outro. Como ela busca fazer.

– Todo mundo tem direito de viver da sua maneira, sem preconceitos, sendo feliz.

Gosta da vida, já disse lá em cima para explicar suas poucas rugas e nenhum cansaço. Mas, entre tudo, algo tem sua fascinação:

– Sempre gostei de gente. De olhar as pessoas no olho, conversar. Criança, adulto, adolescente: tenho comunicação com qualquer um deles.

Mãe Neide é, por si só, uma lição.



*Manoela
fez Pedagogia para ajudar
filho autista a aprender*



Dia desses, André encheu as paredes da sala com desenhos de “x” feitos de canetinha. Foi a letra que ele melhor assimilou do alfabeto. A mãe explicou que são duas espadas que se cruzam e deu certo!

Ela não esperava que as paredes ganhariam a customização inusitada, claro. Mas a alegria com o aprendizado do filho foi tanta que nem conseguiu lamentar a pintura perdida.

– É fora da realidade de uma família com filhos típicos. Tem que levar com leveza e amor! Uma pessoa com a mesma realidade que você sabe da sua luta, sabe que não é só um “x”. É um trabalho de anos!

Desde que André chegou, há oito anos, Manoela Martins Neto, 34 anos, mudou a lente de ver o mundo. A maternidade, por si só, já é transformação. O diagnóstico do transtorno do espectro autista (TEA), ela diz, exige um passo além.

– Eu peguei tudo o que tinha e pulei com ele. Me entreguei. Vambora! Se der certo nesse caminho, ótimo. Se não der, a gente tenta por outro!

Uma sociedade não inclusiva exige luta constante. Manoela precisa lutar por atendimento adequado em saúde, por uma escola que acolha, para que o preconceito se torne empatia.

Deixou a carreira como advogada para se dedicar à André e Ali-



ce, a caçula, que nasceu um ano depois. Para tentar ajudar o filho a aprender, fez faculdade de Pedagogia à distância.

– O que me apavora não é o autismo, mas a sociedade que não inclui, que tem preconceitos, que não acolhe.

Na semana em que se celebra o dia do orgulho autista, a história de Manoela é conscientização e – muito – amor.

A mãe conta que não planejou a maternidade. O plano era estudar, trabalhar, viajar e, mais para frente, pensar em adoção.

– Mas os planos acontecem como têm que acontecer. Não como a gente quer.

Compreendeu quando ficou grávida de André. Descobriu a gravidez de Alice quando o filho estava com três meses, ainda amamentando.

A filha mais velha veio para deixar mais evidente o que o coração de mãe já percebia.

– Ela evoluía e ele não. Eu sabia que tinha alguma coisa, mas não sabia o que era.

André nasceu prematuro, no oitavo mês de uma gestação complicada. Teve dificuldades para mamar e ganhar peso. Os médicos achavam, porém, que era da prematuridade.

– Ele não dormia, chorava muito dia e noite, gritava no banho, tinha muita sensibilidade. Eu tinha a sensação de que ele era diferente, mas não conseguia saber o que era.

Passou por médicos a perder as contas em busca de respostas. Até um ano e três meses André evoluiu, chegou a falar “Dedé”, sua primeira palavra. Depois, parou de falar, não suportava alimentos pastosos, vomitava com muita frequência e não evoluía mais.

– Eu passei por uns 10, 12 pediatras. Eles falavam que era fase, ciúme da irmã mais nova, que era ‘assim mesmo’.

Na escolinha, o autismo foi considerado pela primeira vez. A



mãe começou a pesquisar, conheceu uma instituição de apoio e, quando André tinha três anos e meio, teve a primeira possibilidade de diagnóstico.

– A médica ficou umas cinco horas com ele. E disse que parecia ser um autista típico. Mas o diagnóstico não é feito assim, de imediato. São anos para fechar o laudo. Várias pesquisas comportamentais. A escola responde, os terapeutas, a família e o profissional vai avaliando.

Quando o diagnóstico foi fechado, aos cinco anos, André já passava por terapias distintas, com muita luta da mãe.

– Ele precisava passar por um exame muito sério. E estava agitado. A atendente me disse: “Esse moleque é retardado. Não dá para fazer o exame nele”. Eu saí chorando. Estava muito fragilizada.

Hoje, Manoela não responde com choro. Se fortaleceu com muita pesquisa, muito caminho percorrido.

– Eu falo para as mães que me contam sobre os olhares, o preconceito: ‘Dá umas contas para o povo pagar! Ninguém paga nossas contas!’.

A escola foi outra luta. No sistema público ela não encontrou o acolhimento que o filho precisa.

– Não tem nenhum trabalho de inclusão. Ele sofreu bullying, apanhou, não teve tutor. Ele tem que ser acolhido pela escola e não se adaptar a ela.

André está aprendendo as letras do alfabeto aos oito anos. A preocupação da mãe é tanta que decidiu fazer o curso de Pedagogia para ajudá-lo e, agora, pensa em uma especialização.

– Eu fiz por ele. Para aprender com ele.

A grande dificuldade, ela diz, é a percepção da diferença, do tempo que cada pessoa tem.



– Ele vai evoluir no tempo dele. Mas a gente quer tabelar a criança. O correto é aquela idade. Mas por quê? O momento dele é outro. Não é o meu, o deu ninguém. As coisas começaram a fluir melhor quando eu comecei a respeitá-lo.

Em tempos de pandemia, Manoela transformou a casa em escola, parque, espaço para que os filhos aprendam e brinquem.

Pintou uma lousa no corredor e, além de “x”, há folhas coladas para todo lado para que André possa desenhar e aprender o alfabeto.

Neste ano ele está matriculado em uma escola particular. As professoras enviam atividades on-line, que a mãe reforça em casa. Cada aprendizado novo é comemorado como uma grande conquista. E é.

– A gente trabalha com o reforço positivo. Se ele errar, não falamos nada. Se acertar, fazemos a maior festa.

O plural é para incluir a Alice. A irmã caçula participa de tudo.

Manoela recebe mensagens de outras mães, em busca de informações e acolhimento. Está sempre de portas abertas para quem chega.

– A mãe do autista fica muito solitária. É muito importante buscar outras famílias com a mesma realidade que a sua, que vão entender você.

Também conversa com autistas adultos pela internet, em busca de compreender o que sentem.

– Se você não buscar saber, não vai conseguir entender quem você tem dentro de casa.

Quer que seus filhos possam escolher as histórias que desejam escrever no amanhã.

– Eu espero que eles sejam muito felizes e independentes. Que não precisem de ninguém.

Para a mãe, o “x” na parede é troféu. Assim como os lápis que André não se cansa de apontar, encantado com o apontador que faz



sumir. Manoela guardou o primeiro restinho de lápis para sempre se lembrar do caminho de conquistas que o filho está a trilhar.

Sempre no tempo dele, que não é de mais ninguém.

– Tenham orgulho dos filhos de vocês! Trancar eles em casa? Vamos enfrentar os preconceituosos e dizer ‘não’. Nossos filhos têm o direito de estarem aqui!

Não esconde suas paredes pintadas, não economiza em amor.

– Toda vez que ele me olha, me dá um beijo, me diz ‘eu te amo’ eu encontro energia para continua lutando contra os preconceituosos, para não desistir.



Skate são
as pernas de
Ruan Felipe



O skate chegou por necessidade. Uma amiga sugeriu que, talvez, a prancha sobre quatro rodas pudesse ajudar Ruan a ir de um lugar a outro.

Era preciso, afinal. Aos sete anos, o menino se arrastava para chegar à sala de aula que ficava no primeiro andar da escola, depois de muitos degraus.

Todo o mais, era feito com cadeira de rodas. Mas Ruan Felipe nunca se adaptou bem a esse tipo de veículo. Preferia, então, ficar em casa.

O motivo não era só a cadeira. Até descobrir no skate o companheiro, ele tinha um misto de receio e vergonha de sair de casa.

A história que lhe contaram é que um remédio aplicado pelos médicos para conter uma febre alta lhe causou uma forte alergia. Ele tinha três ou quatro anos na época e diz que nunca quis ir a fundo na história.

Por isso, sabe meio por cima: ficou semanas no hospital, passou um período entubado, teve paradas respiratórias e foi perdendo partes do corpo.

As pernas foram amputadas e há cicatrizes no corpo todo: rosto, braços, peito e costas. Os movimentos dos braços foram comprometidos.

– Minha avó conta que os médicos disseram que era isso ou a morte. Ela respondeu que era melhor assim do que me perder.



Foi a avó quem cuidou do menino. Ela é a responsável pela cabeça sempre erguida de Ruan quando anda nas ruas de Ribeirão Preto, onde mora, ou de qualquer lugar por onde passa.

– Minha avó nunca me tratou como coitado. Ela me levava para os lugares, me mostrava as coisas, me incentivava.

Quando a ideia do skate veio, a avó abraçou. Não imaginava, porém, onde o neto iria chegar.

Hoje, Ruan viaja o Brasil competindo em cima do skate com patrocínio de diversas empresas diferentes. Já competiu com atletas sem deficiência e ajudou a estruturar uma equipe de paraskate no Brasil.

– O preconceito está na cabeça de quem escuta. Eu vou entender aquilo do jeito que eu quiser. E eu escolhi não me importar.

Para Ruan Felipe, 24 anos, as asas vieram em forma de rodinhas sobre prancha. O skate é sua forma de interagir com o mundo.

Ele diz que cursou a pré-escola sem grandes problemas. O local era acessível e ele podia ir à aula. Por volta dos sete, oito anos, no primeiro ano do fundamental, foi transferido para um prédio cheio de escadas.

Para chegar à sala de aula era necessário subir um lance extenso de degraus. E a diretora parecia não ter qualquer vontade de colaborar.

– Ela não queria que eu fosse para a escola. Não queria me aceitar como aluno.

As dificuldades eram tantas que Ruan acabou desistindo. Ficou um ano sem ir às aulas.

Só voltou porque a avó procurou a imprensa, para relatar o que estava ocorrendo. A escola matriculou o aluno, mas a acessibilidade continuou zero.

Ele, então, ia até o pátio de cadeira de rodas, deixava a cadeira



embaixo da escada e se arrastava pelos degraus e corredores até a sala de aula.

– Muitas vezes, eu não saía da sala nem para o intervalo.

A amiga da avó sugeriu o skate. “Quem sabe Ruan consegue chegar até a sala com mais facilidade?” A diretora, porém, não estava mesmo para conversa.

– Ela não me deixava entrar na sala com o skate. Me fazia deixar o skate junto com a cadeira.

Ele respeitou a regra por uns dias. Mas depois decidiu que iria, sim, se locomover da forma que pudesse. E começou a usar o skate. Depois da sua decisão, porém, o skate foi furtado dentro da própria escola. Conta que a diretora avisou que lhe compraria outro, mas, em troca, queria que o menino desse uma entrevista à imprensa, para tirar a “impressão ruim” que havia ficado com a questão da matrícula.

– Eu respondi que preferia continuar me arrastando.

Foram mais três meses para que ele ganhasse outro skate. A avó e a amiga se uniram e compraram um modelo mais em conta, que cabia nas contas apertadas.

Até os 10 anos o skate foi seu meio de transporte. Passou a ir para todo lado sob a prancha: por si só, uma grande função. Começou a perceber que para os meninos do bairro o instrumento também era diversão. Havia outras funcionalidades para aquele objeto?

– Eu infernizei até minha avó me deixar ver os meninos andarem na rua. Quando vi que dava para pular, saltar, que não era só locomoção, comecei a me adaptar de outra forma, a me esforçar mais.

Locomoção e diversão: foram as funções do skate até os 13 anos de Ruan, quando uma grande marca fez uma demonstração na escola do bairro. Um dos seus amigos correu até sua casa para lhe



avisar: “Você tem que vir!”

Quando Ruan chegou na escola, entendeu a ansiedade do amigo.

– O Og de Souza estava lá. Quando cheguei e vi ele pulando, voando, eu pensei: se ele consegue, eu também consigo.

Por uma poliomielite na infância, Og perdeu as pernas e, assim, como Ruan, encontrou no skate uma forma de conexão. O skate de Ruan ganhou ali, naquele dia, mais uma função. Iria voar por aí, como o do Og.

O menino foi até presenteado com um skate, autografado e tudo. Mais uma vez, porém, o skate foi furtado do quintal de casa no mesmo dia. Não deu nem tempo de mostrar para os amigos da escola.

Dessa vez, Ruan tinha um plano B. O dono de uma loja, que também conheceu na escola, havia lhe oferecido um skate e ele não teve receio de ir buscar.

A primeira competição foi planejada pelo mesmo amigo que, ansioso, foi lhe buscar em casa para apresentar ao Og. Ruan já estava com 16 anos. O amigo insistia que ele competisse, mas a resposta era sempre negativa.

Foram juntos assistir a uma competição no Sesc, quando o locutor anunciou os nomes dos competidores: “Ruan Felipe!”.

– Meu amigo começou a rir e eu sem entender nada. Ele tinha feito minha inscrição!

Foi o começo de um caminho que Ruan ainda está a trilhar.

– Comecei a competir, gostei e não parei mais.

Hoje ele tem cinco patrocinadores e perdeu as contas dos lugares que conheceu competindo. Mais que isso. É inspiração para muita molecada que esbarra nos degraus da escola e precisa de um caminho alternativo para continuar.

Ruan é cheio de planos para o futuro. Quer se tornar um skatista profissional, ter um shape (prancha) personalizado com seu nome,



continuar a ganhar o mundo com suas manobras.

A lista de cursos que tem no currículo é extensa: quatro ou cinco modalidades de informática, elaboração de jogos, animação, marketing, design. Nada, porém, se compara ao esporte.

– O skate é minha vida.

Sonha a dois e, então, o sonho é mais forte. Há quatro anos, tem a namorada Ligia como companheira de viagens e competições. Dentro e fora da pista.

A jovem de 21 anos não tem deficiência. Os dois são, então, constantemente, vigiados por olhos tortos.

– As pessoas pensam que nós somos amigos, irmãos, nunca namorados.

É ela quem diz.

Conta que se apaixonou por Ruan logo no começo e teve, sim, medo quando ele lhe pediu em namoro.

– Eu nunca tinha namorado. Não sabia se conseguiria dar apoio para ele. Como seria.

Até morar juntos os dois já moraram. Vão juntos para todo lado e, nas fotos, exibem sorrisões largos e apaixonados.

Ruan, aos 24 anos, ainda não aprendeu a se conformar com o olhar do preconceito. Com a falta de informação. Diz que, não raro, as pessoas lhe oferecem dinheiro na rua. Chegam a lhe jogar moedas.

– Eu fico pensando: o que essa gente sente? O que essa gente pensa? Eu não preciso disso. Não peço nada para ninguém. E não me conformo com pessoas que aproveitam da deficiência para fazer os outros sentirem dó.

Faz questão de responder, tentar abrir os olhos de quem parece viver no escuro. Com o skate aprendeu que se machucar é regra. Mas levantar também.

– O skate ensina que você vai cair, mas tem que levantar e tentar



de novo. E se você conseguir, mas não sair do jeito que você quer, você tenta de novo. Até que saia.

Os ralados são constantes. Mas a vontade de continuar não cessa.

– O simples fato de conseguir acertar a manobra, filmar e postar nas redes sociais vale a pena. Para a gente, que é amador, o retorno que as pessoas dão é gratificante!

Ruan sobe no skate e vai embora, Calçadão afora. A namorada está ao lado. Em março, o destino foi o Rio de Janeiro. Em junho, tem competição em Belo Horizonte.

– **Meu meio de inclusão social é andar de skate.**

Não há limites para quem aprendeu a voar.



*Sem a visão,
Márcio se formou
biólogo e fez doutorado
na USP*



A cegueira para Márcio foi se instalando pouco a pouco. A cada nova perda de visão, novos desafios. Teve que aprender e reaprender muitas vezes em 50 anos de vida. Continua ainda hoje nesse processo que, ele espera, nunca acabe.

– Meu mundo não é tão diferente do seu. Você também tem que, todo dia, matar seu leão. Quando eu enxergava, tinha medo de altura. A superação era estar ali e me sentir bem. Isso era uma barreira intransponível. A deficiência dificulta, mas não é uma barreira intransponível.

Quando concluiu o doutorado em Psicofísica, na USP de Ribeirão Preto, em 2014, já havia perdido completamente a visão dos dois olhos. E somava no currículo a graduação em Biologia na Barão de Mauá, o mestrado em Psicofísica também na USP, décadas de trabalho como técnico do Laboratório de Citogenética da USP.

Começou aos 12 anos, por insistência do pai, que era funcionário lá e conseguiu que um professor aceitasse o menino como ajudante. Conta que foi mudando de cargo conforme aumentava a idade, até se formalizar como funcionário após os 18 anos.

– O que eu consegui na universidade, com muito esforço, foi fazer com que as pessoas percebam que, apesar da minha deficiência, eu tenho também uma eficiência.

Em 16 anos, terminou o Ensino Médio no supletivo, passou no



vestibular, concluiu o curso, entrou e saiu do mestrado e do doutorado, retomando o tempo em que ficou sem estudar.

Nasceu com uma doença rara chamada retinose pigmentar. O olho direito só tem a percepção de claro e escuro. O esquerdo tinha 75% da visão, o que lhe possibilitou tirar a CNH e viver sem tantas barreiras até os 20 anos.

Na adolescência, deixou a escola e voltou algumas vezes pelas dificuldades de inclusão. Estava no Ensino Médio, aos 20 anos, quando teve uma das perdas de visão, com o deslocamento de retina. O olho esquerdo passou a ter apenas 15%. Ficou quase totalmente sem enxergar. Passou um ano buscando tratamentos, se readaptando. Quando tentou voltar à escola, não encontrou todas as portas abertas.

– A escola não acolhia. Naquela época, para o universo da deficiência, as coisas não existiam. Não houve aceitação do corpo docente e meu estado emocional estava debilitado.

Só voltou a estudar em 1997, aos 27 anos. O apoio de uma companheira foi essencial para que retomasse a confiança. Conta que teve que mentir para ser aceito no vestibular.

– Eles alegavam que não tinham formas de me inserir nas aulas e me impediram de fazer a prova. No ano seguinte eu menti. Disse que havia retomado a visão, mas precisaria de ajuda apenas para fazer o vestibular. Consegui passar e já sabia que, se eles tentassem me impedir, eu poderia recorrer.

Terminou a graduação escolhido como orador da turma na formatura.

– As pessoas se deparam com o desconhecido e não querem sair da zona de conforto. Querem que o outro desista, para que não tenham que criar uma situação nova. Depois, a faculdade me aceitou de braços abertos.

Entre um desafio e outro, vai transformando pensamentos, rom-



pendo muros. Não pretende parar no doutorado. Já faz planos para o pós-doc e quer ser professor universitário.

– A maior dificuldade é social. A barreira que a sociedade te coloca. As pessoas dizem que sou exemplo de superação. Não vejo assim. A superação é algo pessoal. Eu supero, você supera.

Os desafios foram surgindo para Márcio à medida em que a retinose foi avançando.

– A cada nova situação, você busca um novo caminho, seus recursos mudam, a sua forma de enxergar o mundo muda.

Quando tinha 75% de visão do olho esquerdo, enfrentava a dificuldade de leitura – e só. Aos 18 anos, pôde tirar carta e, inclusive, insistiu em continuar dirigindo mesmo com o descolamento que deixou apenas 15% da visão.

A irmã também trabalhava na USP. Ela ia na garupa da moto, dizendo o caminho, e ele guiava, quase no escuro. Um acidente – sem vítimas – alertou de que era necessário parar.

– Aí, você passa a depender, pedir carona. É uma dificuldade de mobilidade.

Também foi realocado dentro do laboratório de citogenética, onde desempenha funções desde os 13 anos. Começou no laboratório de evolução, aos 12.

Seu trabalho era cuidar das moscas, usadas para uma experiência. Pela pouca visão, não conseguiu impedir que moscas diferentes entrassem no espaço, causando um cruzamento genético.

– Eu fiz uma especiação aos 12 anos. Mas o professor me pediu para matar todas as moscas. Eu havia terminado com a pesquisa dele.

O pai não desistiu, porém. Logo, lhe arrumou vaga com outro professor. Passou a auxiliar como técnico nos estudos de cromossomos, para a análise de síndromes.

– A deficiência tem uma história. Até na genética. Os genes que



não são bons passam a ser eliminados para que não se propaguem na população.

Precisou, então, provar para si mesmo e para o entorno – tão acostumado a ver a deficiência como falha – que há bem mais do que cromossomos alterados na constituição de um ser humano.

– Vygotsky diz que a deficiência não é um problema, mas passa a ser quando a sociedade enxerga dessa forma. Não tem essa de ficar deprimido. Só vai agravar uma situação instalada. Isso foi me fortalecendo. Eu tenho que provar que tenho capacidade. Até que consegui. Hoje não tenho mais que provar nada para ninguém.

A decisão de voltar a estudar não se deu de um dia para outro. Teve apoio da companheira com quem estava casado, da família, de si mesmo.

– Eu precisei encontrar um caminho.

Não passou de primeira na graduação, lutou para ser aceito. Já no mestrado, conta que ficou em terceiro lugar entre os 32 alunos que prestaram.

Enquanto estudava, continuava desempenhando suas funções no laboratório. Com o auxílio da tecnologia, trabalha com pesquisas bibliográficas, emissão de diagnósticos e compras de equipamentos. Enquanto acadêmico, escreve e publica artigos, estuda, desempenha suas funções com rigor.

É internauta também. Nas redes sociais, escreve seus pensamentos e reflexões. E pensa, inclusive, em transformar toda essa vivência em livro.

Vivência que continua a expandir. Já pensa no pós-doutorado, pesquisando as relações entre o olfato e a sexualidade nas pessoas com deficiência.

Márcio é chamado para compartilhar sua história em palestras,



workshops, encontros. Comemora o que considera mais um progresso no longo caminho.

– Até 30 anos atrás, o que se assistia eram profissionais falando de deficiência para pessoas com deficiência. Hoje, você vê o grupo formado por pessoas com deficiência falando para os profissionais. Hoje, há pessoas com deficiência em diversos postos: biólogos, professores, pesquisadores. É preciso sair da zona de conforto.

Se sente realizado, mas quer mais. Quer expandir, deixar a função de técnico para, com toda a formação que tem, poder lecionar.

– Eu mereço me dar a oportunidade de prestar concursos públicos para docente. Só eu sei o quanto tive que me esforçar. As pessoas tendem a pensar: se você não enxerga, você não pensa.

Compartilha sua história, então, como uma forma de promover mudanças, reverter o preconceito.

**– A maioria das pessoas está apostando que não vai dar.
A cada momento que eu conseguia, elas esperavam eu cair
mais para a frente.**

Não caiu. E nem pretende.

Ao contrário, quer continuar indo além.



Nas
Artes, Eme
encontrou forças para
resistir livre
e ser



Eu não preciso pedir autorização de ninguém para ser quem eu sou.

Essa não foi uma certeza de fácil elaboração. Eme Barbassa fala da sua trajetória como metamorfose.

A borboleta passa muito tempo no casulo. É tortuoso. O processo de nascer é difícil, ela tem que fazer esforço, mas se alguém cortar o casulo, ela morre. Ela precisa se fortalecer para voar forte e linda.

Foram 30 anos tentando se entender em um corpo que parecia estranho, em uma vida que parecia não caber.

E não cabia.

Nunca tive um lugar que fosse meu.

O passo decisivo foi a troca de nome na página do Facebook. A partir dali, contou para o mundo que não pediria mais autorização para ser.

Eu me identifico como uma mulher trans. E sou uma gorda maior.

Depois dos 30 anos, ela decidiu que seu corpo seria lugar de aceitação. Junto com a troca de nome, vieram as roupas e acessórios. Usa vestidos coloridos e estampados combinados com muita harmonia entre acessórios sustentáveis.

Quando eu dei o salto? Conforme o debate sobre o assunto foi acontecendo. Não se falava sobre esses temas antes.

Cresceu entre mulheres fortes. A avó que ficou viúva muito cedo e precisou encontrar formas de criar sozinha os cinco filhos.



A mãe que engravidou na adolescência. Eme chegou como primogênita entre três irmãs.

Eu sempre preferi ficar entre as mulheres, estar com elas. Era mais afetivo, mais gostoso. E, ao mesmo tempo, tinha também o medo dos maridos, dos filhos. O universo feminino sempre teve esse medo do patriarcado.

Aos nove anos, sofreu um abuso sexual.

Foram anos de terapia para conseguir falar do assunto.

Era um homem mais velho, amigo da família. Só com 18 anos esse assunto veio à tona.

Papel de carta, cozinha, Angélica, Sandy: elementos que marcaram sua infância e início da adolescência, como espaço para que ela acessasse o feminino que trazia identificação e conforto.

Foi um não lugar para mim. Eu não me sentia pertencente nem com as mulheres e nem com os homens. Você é levada a pensar que é homossexual.

Para a família, era difícil compreender.

Não dava para exigir da minha família uma leitura que não se fazia naquela época. As trans estavam no lugar da performance, do show. Hoje, se você tem uma criança trans, consegue fazer ações para adiar o sofrimento.

Precisou buscar sozinho seu espaço, seu encontro.

A arte foi um dos caminhos.

Começou com o teatro na escola, por volta dos 10 anos. Dos 14 aos 18, participou do grupo na igreja evangélica que sua família frequentava.

Eu li a Bíblia inteira, gostava de estudar. Mas não aguentei a hipocrisia. Um dia, decidi: esse lugar não é para mim.

Quando terminou o colegial, criou seu grupo: “Trupe acima do bem e do mal”, que agora está passando por uma transição de nome. Fica “A tal da trupe”.

Também atuou como professora de teatro por alguns anos.



Soma espetáculos e prêmios. A trajetória no teatro sempre foi de muitas colheitas.

“A arte é uma garantia de sanidade”: é uma frase de Louise Bourgeois. Enquanto a sociedade queria corpos como o meu escondidos, ir para a cena me mostrar foi uma forma de militância.

E ela se mostra, sem véus.

No dia da entrevista, percebeu dois adolescentes rindo quando entrou pela biblioteca. Foi até eles e questionou: “Estão rindo do que?”.

Eu enfrento, eu encaro.

Aprendeu a ser forte bem cedo, afinal.

Queremos as pessoas gordas escondidas, as pessoas trans nas ruas, seus corpos prostituídos são permitidos. Eu sempre fui essa pessoa que resiste. Através da arte, do depoimento do meu corpo.

No enfrentamento, tem seu arsenal de luta: literatura, bons pensadores, muito estudo. Cita dezenas de escritores de diferentes áreas: romance, comportamento, psicologia, filosofia.

Le para entender, para se (re)conhecer.

Quando fez um espetáculo de Clarice Lispector devorou nove livros em um mês e elegeu sua obra preferida.

“Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres”: esse é o livro da minha vida! São as representações dos nossos mundos.

A peça “Antropotomia ou A delicadeza nos tempos de ódio” veio de uma marca profunda. O preconceito usa o ambiente virtual para se manifestar sem barreiras.

Eme foi entrevistada pelo jornal O Globo. Na matéria de capa, questionava o lugar das mulheres gordas e trans no imaginário audiovisual. Nossas imagens são moldadas pela TV, pelo cinema, pelas mídias e ela contestava os rótulos colocados e repetidos a cada enredo.

– Eu fui atacada por haters. Recebi muitas mensagens me xingando simplesmente por estar questionando esse lugar. A maioria dos comentários eram gordofóbicos. Me baqueou demais.



Gravou um vídeo devolvendo o preconceito com empatia.

Eu disse que essas pessoas não teriam o meu ódio.

E fez arte como resposta.

No espetáculo, que tem como nome a dissecação do corpo humano, abordou transfobia, gordofobia e escancarou as redes sociais como espaço do espetáculo. Levou mais do que uma mensagem. Abriu possibilidades para os muitos sentidos do público e a transformação dos olhares.

O preconceito? É o medo do desconhecido. A gente só tem preconceito do que sente medo. A partir do momento em que mudarmos paradigmas e representações iremos vencer o preconceito.

A família é o elo mais forte e também mais complexo. Para alguns familiares próximos é difícil entender que a Eme de outrora foi transição para essa que vive agora. O nome de batismo insistia em continuar. Mas a avó abraçou a neta, de um jeito que só elas puderam entender. E, então, veio mais força.

Eu reverencio muito a ancestralidade. Mas é muito importante oxigenar a árvore genealógica com novas histórias sendo contadas.

Agora, fora do casulo, agradece pela trajetória percorrida.

– Ela não deixa de ser lagarta porque virou borboleta. É um processo. Não nego, agradeço e honro essa história.

A vulnerabilidade que nos constitui logo estará nos palcos. Mergulhou no autoconhecimento devorando leituras sobre o tema e, caminho sempre seu, já imagina esse aprendizado encenado. O teatro de Eme é resistência.

Quero continuar minha carreira nesse lugar de fazer a diferença no debate, trazer o diálogo sobre gênero, espiritualidade, conexões, pertencimento. Estamos muito sozinhos e eu sinto que posso contribuir para levantar essas questões.

É preciso estar entre os diferentes, ela diz. Conviver com o igual



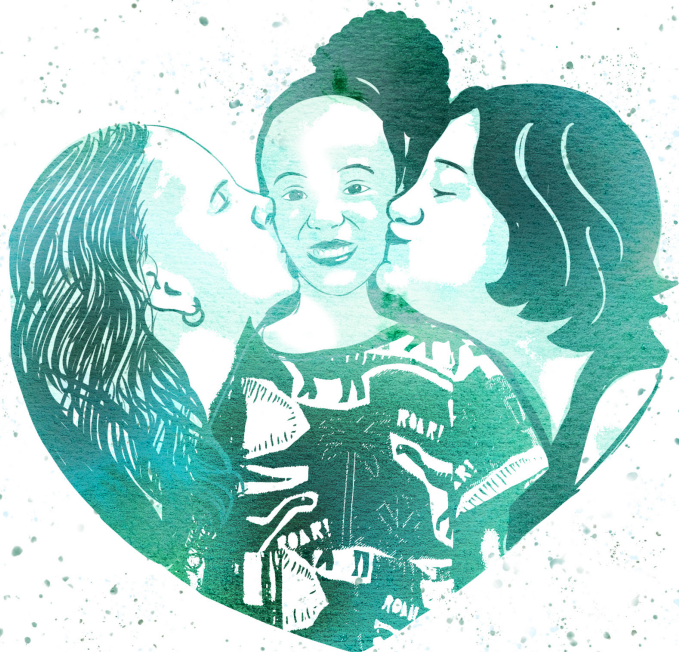
não faz crescer. Na diferença a gente se transforma.

Esse é o perigos das redes sociais: as pessoas só querem conviver com o igual. Dessa forma, a gente perde a individualidade e o senso crítico.

Por isso, faz questão de estar em todos os espaços, de ocupar os lugares que sente vontade.

Para as fotos, levanta o queixo e olha firme em direção à câmera. Não precisa justificar sua existência ou pedir permissão.

Eme é. E ponto.



Mari, Fer e Manu:
Família é onde
mora o Amor



Manu deixa o álbum de fotografias preparado para a entrevista. Faz questão de mostrar os registros do aniversário de cinco anos. Teve festa, com a família toda reunida.

O filme *Encanto* foi o tema. Mirabel, a protagonista, tem cabelos pretos e pele escura. No enredo, ela é diferente de todos os integrantes de sua extensa família.

Manu chegou a essa nova família em julho de 2022. Assim como Mirabel, ela é singular. Uma sorridente menina negra adotada por duas mães brancas.

Foi esperada e amada antes mesmo de chegar.

Nas fotos de seu aniversário, o primeiro nesse novo lar, o sorriso extrapola as páginas. E segue estampado no rostinho dela, que é puro encanto.

É muito legal ter duas mães. Minha amiga só tem uma...

É ela quem conta. O que sentiu quando conheceu suas mães lá no abrigo?

Feliz! Até que enfim, né?

Grudou na mãe Fer e não soltou mais.

Ela sentou no meu colo e eu pensei: ‘Meu Deus, essa menina é minha! Preciso tirar ela daqui!’.

É assim também que se forma uma família, elas explicam.

Mariana Vicente Cano, 33 anos, e Fernanda Estela Cano, também 33, estão juntas desde 2017. Mari percebeu na adolescência que queria namorar meninas. Fer namorou alguns homens e, quando co-



nheceu Mari, foi diferente.

Mari já conhecia o preconceito de gênero. Fer passou a conhecer. Juntas, elas escolhem enfrentar comentários e olhares. Para que esconder o amor?

Quando começaram a namorar, Fer já pensava em ser mãe solo. Estava fazendo o curso de adoção para entrar na fila, mas decidiu esperar um pouco para saber aonde aquele namoro iria chegar.

Chegou em casamento seis meses depois, com festa e família reunida. Em 2019, então, as duas fizeram o curso de adoção juntas e entraram na fila por uma criança. Com a pandemia, demoraram um ano para serem habilitadas.

Nesse tempo, tentaram também a FIV (fertilização in vitro). Foram quatro tentativas.

Nós duas tentamos, mas em nenhuma deu certo. Deus tinha outro plano. Diz Fer.

O telefone tocou em 2022. Do outro lado da linha, a psicóloga explicou que havia dois irmãos com o perfil da Mari e da Fer.

Eu estava no carro, dirigindo. Quis saber tudo...

A identificação foi imediata, logo no primeiro contato feito no abrigo. Mesmo entre outras crianças, Manu se aproximou de Fer e não desgrudou mais.

Ali, souberam que tinham uma filha.

É muito, muito amor.

A psicóloga explicou que o irmão mais velho de Manu ainda não estava apto à adoção, conforme conta Fer. Ainda assim, elas decidiram tentar. Com muito pesar contam, entretanto, que não conseguiram fazer com que menino se adaptasse.

Manu chegou em julho de 2022, mas para as mães parece que ela sempre esteve ali.

Ela se parece comigo sem ter saído de mim.

Nas palavras de Fer.

Formar uma família singular exige resistência. Os olhares são



muitos e o preconceito se manifesta em múltiplas formas.

A gente passa por coisas constrangedoras o tempo todo. A pessoa pergunta ‘Quem é a mãe?’. E a gente fala: ‘As duas!’. Mas continua insistindo: ‘Mas quem é a mãe?’. Ou coisas do tipo: ‘Ah, o pai dela deve ser alto!’.

Então, empoderam Manu de confiança e identificação. Entre os livros preferidos está “Amoras”, do Emicida. Manu decorou toda a história em poema e se preparava para recitar em uma apresentação na escola. “As pretinhas são o melhor que há”, repetiu em alto som.

Nós trabalhamos referência com ela o tempo todo. Temos muitos livros de empoderamento de meninas negras, ela tem uma cabeleireira para cabelo afro. Isso é muito importante para nós.

Querem, acima de tudo, que Manu possa ser livre para escolher, para existir.

Eu a preparo para voar. Ela é do mundo, das pessoas. Não é nossa.

E a pequena vai mostrando todo potencial: fotografa bem, desfila, recita e tem um carisma nato, todo seu. Mas não para aí: inteligente e cheia de vontade de explorar. Conta que viajou para a praia de Fortaleza e também para a neve, em Bariloche. Brinca de falar italiano: o mundo é todo seu, afinal.

Gosta de ir à escola, faz ginástica artística e corre para mostrar a música que aprendeu a tocar no piano. É, de fato, puro encanto.

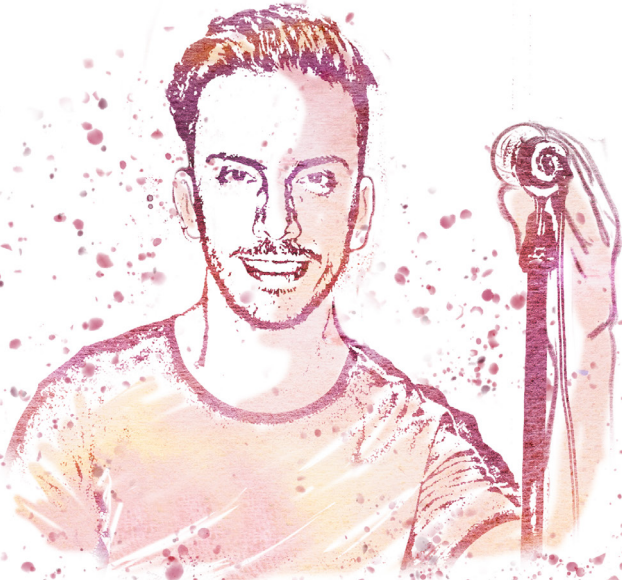
As mães sabem que ainda virão incontáveis olhares e comentários de quem não conhece as muitas formas do amor. Mas, como o conhecem, estão cheias de força.

Família é onde a gente descansa o bumbum.

É a mãe Má quem diz, e complementa.

Adoção? É um jeito de ser mãe!

No filme Encanto, é Mirabel, com toda sua singularidade, quem consegue salvar a magia de sua família. Na vida real, a história toma outras formas da mesma essência. Manu, tão esperada, trouxe para Mari e Fer a magia imensa que é ser mãe.



*Cadu transforma
desafios em humor
com stand-up e canal
no Youtube*



Cadu começou a fazer imitações quando se recuperava da segunda cirurgia na coluna. Foi um procedimento arriscado. As lesões na medula poderiam lhe custar os movimentos do corpo, que já estavam mais limitados. Em repouso, assistia aos vídeos de humoristas, programas engraçados e, passando por cima da dor, decidiu:

– Vou fazer as pessoas darem risada!

Acredita que a predileção pelos holofotes vem desde a infância. Nas festas de família, os primos corriam da filmadora JBC do tio, mas Cadu Páscoli, 36 anos, ia logo em direção às filmagens. Entre os programas preferidos, estavam “Os trapalhões”. Entre os ídolos, ainda estão os “Mamonas Assassinas”.

Lembra do dia em que, por volta dos 7 anos, o pai deixou um radinho para distrair o menino e, quando voltou, encontrou uma variedade de vozes gravadas pelo mesmo Cadu. Depois, a brincadeira era produzir programas de rádio com os amigos, utilizando o avançado botão de “rec”.

– Eu me apaixonei por gravar!

O menino que cultivava alegria viu o otimismo florescer quando o diagnóstico veio.

A rotina seguia normal. Muita risada, muito jogo de futebol. Cadu teve uma cólica de rim e, na consulta, o médico estranhou os



carocinhos pelo seu corpo. Foi em 2000, quando tinha 13 anos. Encaminhado para o Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto, soube que tem neurofibromatose, doença genética que, entre outros sintomas, provoca o aparecimento de tumores e nódulos pelo corpo. Por um bom tempo, o quadro ficou controlado. Ele passava por exames e consultas uma vez por ano, para avaliação.

Em 2007, estava jogando bola quando sentiu as pernas travarem. Os médicos começaram a investigar e descobriram que havia nódulos comprimindo a medula. Passou pela primeira cirurgia em maio daquele ano e se recuperou bem. Em dezembro, já estava jogando futebol, seu outro grande gosto.

Em 2009, porém, mais um susto. Os mesmos sintomas, mais nódulos e outra cirurgia. Quando estava em recuperação, teve uma anemia profunda, causada por uma úlcera no estômago, resultado dos muitos remédios que tinha que tomar.

Dessa vez, ficou com a mobilidade reduzida e levou mais tempo para se recuperar.

A namorada, Marina, já era companheira nessa época. Hoje, segue sendo, como noiva, sempre dando força. Cadu precisou deixar o futebol e o emprego como técnico em uma assistência de celulares: a rotina mudou por completo.

Durante a recuperação, dolorosa e demorada, teve a ideia de começar as imitações. Alegria cultivada. A primeira voz foi a do Sílvio Santos. Não parou mais!

A entrevista se mistura com show de stand-up. Em meio ao relato de sua trajetória, ele imita o Alexandre Frota cantando músicas infantis e é impossível conter a risada. O objetivo, afinal, é deixá-la sair. Depois, vem Sílvio Santos, Bolsonaro, personalidades da realidade transferidas para narrativas cômicas.

– A gente já vive em um mundo que nos dá motivos para ficar triste. Eu tento ser a contramão.



A terceira cirurgia foi em 2016. Ele caiu um tombo chegando no trabalho e a dificuldade de mobilidade se acentuou. Foi preciso colocar pinos na coluna.

Os riscos do procedimento eram grandes.

– Correu tudo bem, mas saí sem sentir o lado direito do corpo.

Entre uma cirurgia e outra, Cadu precisou se reinventar. Chegou a usar cadeira de rodas, andador, mas continuava tentando. Buscava sempre retomar os movimentos, colocava todas as energias na recuperação.

Depois da última cirurgia, foi de cadeira de rodas ao curso de locução. Se esforçou para manter a voz firme, mesmo com a paralisia de parte do corpo. Conseguiu se formar em locução e técnico de rádio. E continuou espalhando o riso.

Um dos vídeos que fez em seu canal no Youtube teve mais de 660 mil visualizações. Passou também a fazer stand-up e, antes da quarentena pela pandemia da Covid-19, estava com a agenda lotada de apresentações.

Há cerca de dois anos, se uniu a um grupo de amigos e criaram “Os preferenciais – Recuse limitações”. São cinco humoristas com diferentes tipos de deficiência, que levam para o palco as questões que enfrentam no dia a dia.

Cadu estava em uma loja, quando se aproximou uma mulher e seu filho, criança. Sem nenhum respeito, a mulher disse ao menino: “Tá vendo? Ele ficou assim porque desobedeceu a mãe dele!”, se referindo à limitação que Cadu tem para andar.

Ele, então, esperou a mulher se afastar e disse para o menino: “Vai, se você não obedecer, sua mãe, ela vai te jogar da escada igual a minha fez”.

Aqui, escrevendo, a história é uma. Contada pelo Cadu, com entonação de vozes e personagens trabalhados, não há riso que fique



fechado! Transformou essa e outras situações do cotidiano em resistência. Faz humor com os desafios que a deficiência traz e, assim, deixa a vida mais leve.

– Isso mostra para as pessoas que, mesmo se você estiver em um abismo profundo, tem como sair, se recuperar.

Hoje, Cadu não precisa de andador ou cadeira de rodas. Ainda não pôde retomar o futebol, mas garante que chega lá. A paralisia do lado direito do corpo melhorou e a voz sai sem dificuldades.

Conta, orgulhoso, que no ano passado passou em um concurso público, como oficial administrativo. Conquistou a vaga em primeiro lugar. O grande desejo, entretanto, está em construção.

– Se um dia eu puder viver só de comédia, vai ser bom demais!

A noiva, Marina, é citada na entrevista, pelo menos, umas 10 vezes. A companheira de jornada não pode ficar de fora do roteiro.

– A vida colocou empecilhos, mas Deus trouxe pessoas maravilhosas, que me fazem acreditar que a vida pode ter dias bons, mesmo com perrengues.

A doença, por enquanto, está estabilizada. Ele acredita que continuará assim, de agora em diante. Continua cultivando a alegria. Assim, não faltam boas sementes para florescer.

– Nada é para sempre. Nem a dor, nem a felicidade. A gente tem que saber ver momentos bons em tudo, porque tudo passa.



Melissa deixou o Amazonas
pela vida da filha.
Hoje, transforma luto
em resistência



A história de Melissa dói porque dor de mãe é assim: a de uma ecoa em muitas. Ela viveu o medo maior que mora nas mães, aquele que assombra o sono.

Com tanta força, porém, a dor de Mel também é inspiração.

Não foi fácil prosseguir. Essa não é uma história sobre como encontrar forças, de onde tirar a esperança, como se houvesse fórmula pronta para dores que parecem maiores do que o mundo.

– Perder alguém que se ama muito é como viver a amputação de um membro do seu corpo. Você consegue viver, mas nunca mais vai ser a mesma coisa.

É a história de uma mulher que, todos os dias, precisa relembrar os motivos de se levantar da cama.

– Eu passei pela depressão e a angústia. Vi que aquilo ia me matar e eu precisava de vida para cuidar da minha outra filha. Escolhi ser aluna.

Melissa se mudou do Amazonas para Ribeirão Preto em 2019. Diariamente, precisa conviver com o questionamento: “Mas você veio por quê?”. Que é a primeira pergunta de uma série já conhecida por ela. O preconceito com o Norte do Brasil vem em comentários como: “Lá vocês só andam de barco, né?”. “Mas como você conseguiu vir?”. “Ah, aqui é bem melhor”. Ela escolheu o humor para formular suas



respostas. E, para encurtar o assunto, responde que a mudança foi motivada por trabalho.

– Não é que eu queira apagar... é que dói tanto que eu prefiro não falar...

Contar sua história de vida, assim, é mais um dos seus atos de resistência.

Mel pegou um avião de Porto Velho com destino a Barretos com poucas mudas de roupas em uma malinha. A urgência fez com que corresse para o hospital com a filha.

Sem aviso prévio, ela precisou embarcar para um voo de 10 horas, com a esperança de salvar a filha que, aos sete meses de vida, recebera o diagnóstico de leucemia.

Fazia apenas alguns dias que ela, o marido e as duas pequenas haviam se mudado de Manaus para Ji Paraná, em Rondônia, pelo trabalho dele.

– Eu vim procurando vida.

Melissa começa seu relato lá na infância. Nasceu em Urucurituba, Amazonas, mas se mudou cedo para Manaus. Os pais são professores e trabalhavam duro para sustentar os três filhos. Estudar era regra sem brechas. Assim como a consciência do outro. Na casa de Mel, o trabalho voluntário era rotina.

Ela cresceu com a proposta de seguir pelo caminho do bem.

– Eu sempre quis ser alguém que faria a diferença no mundo. Não dá para mudar o mundo todo, mas um pouquinho ao redor dá, sim.

Frequentava a igreja e, na época em que os amigos adolescentes queriam festejar, se tornou exceção. Aos 19 anos, se casou, para surpresa de muitos.

– As pessoas diziam: ‘Você vai perder tudo na sua vida!’. Mas eu pensava: o que eu tiver que aproveitar vai ser com a minha família.



Eu sempre quis ter uma vida muito correta.

Já casada, cursou Biologia no Instituto Federal do Amazonas.

– Eu e ele estávamos na faculdade. Vivíamos de estágio e bolsa!

A primeira filha, Rebeca, veio meses depois do casamento em 2013. E Sofia, a segunda, nasceu cinco anos depois, em 2018.

– Durante o tratamento da Sofia comecei a questionar a Deus: ‘Senhor, eu não fiz nada de errado. Tive uma vida tão correta. O que eu tô fazendo aqui? Por que minha filha está doente?’

O primeiro sintoma foi um inchaço na mãozinha, aos seis meses. A bebê estava um pouco chorosa. Como o pai havia acabado de se mudar para Rondônia e a mãe ainda se organizava para acompanhá-lo, pensaram que era saudade.

Até então, Sofia era uma bebê sorridente e gordinha, que se desenvolvia muito bem.

Fazia um ou dois dias que a mãe e as filhas estavam em Rondônia quando a pequena manifestou sangramento no nariz e manchas roxas na pele.

Passou uma semana internada em Porto Velho, mas os médicos não chegaram a um diagnóstico. Dias depois, já em casa, em Ji Paraná, as manchas e o sangramento aumentaram. A mãe a levou para a unidade de saúde da cidade, de onde foram transferidas para o Hospital do Amor, em Porto Velho, após cinco horas de trajeto na ambulância.

O diagnóstico da leucemia foi rápido, então.

– Começou a nossa luta com ela e com a gente mesmo.

Amigos da igreja onde Mel e o marido eram pastores, em Manaus, ligavam não para consolar, mas para encher a família de culpa.

– Eles diziam que Deus estava fazendo isso porque a gente tinha abandonado a igreja para se mudar para Rondônia.

Foi preciso, já nesse começo, reforçar a esperança.



– Se a minha fé fosse movida pelas pessoas eu teria a deixado ali. Depois de uma semana em Porto Velho, o hospital apresentou a opção de viajarem para o Hospital do Amor de Barretos.

Mel já havia visitado “São Paulo” a passeio.

– Lá no Amazonas a gente não fala Ribeirão Preto, Barretos. É tudo São Paulo, como se fosse uma coisa só. Para mim, eu estava vindo para um lugar frio, onde só havia prédios e coisas muito agitadas. Eu pensava: ‘O que eu vou fazer lá, Senhor?’.

Veio com poucas mudas de roupa que o marido havia conseguido levar ao hospital e uma bagagem reforçada de esperança.

O trajeto de 10 horas entre voos e escalas foi angustiante. Houve um único momento de alento. O passageiro que voava ao lado percebeu a agonia da mãe, com a filha adormecida no colo, e puxou papo. Se tornaram amigos. Ele visitou Sofia no hospital durante todo o tempo de internação.

– Eu falo que ele foi um enviado de Deus.

Chegaram em Barretos em 30 de maio de 2019. Foram oito meses de internação. Sofia só deixou o hospital para a casa de apoio, onde ficaram alojadas no início. Depois, em dois momentos especiais, pôde visitar a família que se instalou na região: seu aniversário de um ano e o Natal. Foram visitas rápidas, bate e volta entre Ribeirão Preto e Barretos.

O marido de Mel conseguiu transferência para Ribeirão e se mudou com Rebeca, a filha mais velha, para estarem mais perto. Os sogros de Mel vieram também, para reforçar o apoio

Nos primeiros dias de hospital, enquanto a família se organizava para a mudança, Mel esteve sozinha, porém.

– Foi muito difícil. Eu fiquei uns 40 dias com ela no hospital. Vivi um momento muito perturbador. Eu cheguei a pensar: ‘Será que foi mesmo porque eu larguei a igreja em Manaus?’.



As pessoas não imaginam o impacto do que falam. Mel precisou encontrar apoio em outros amigos, outros laços. No hospital, ganhou roupas, ajuda, amparo.

– Eu tive que aprender a receber. Para mim, parecia humilhação. Precisei mudar minha forma de ver.

A rotina de hospital é feita de angústias e recomeços.

– Quase todos os dias, era a morte de uma criança. Aquilo foi me matando aos poucos. Tive momentos de não querer mais viver...

Nos recomeços, encontrava esperanças em momentos pequenos, que hoje são as melhores lembranças.

No hospital, Sofia aprendeu a cantar, a chamar “papai”, a perder o medo dos palhaços que passavam para levar alegria entre os corredores.

– Eu tive um ano e meio com ela. Foi a oportunidade de viver tudo isso com a minha filha.

Para estar com Rebeca, Mel se revezava com a sogra. Vivia entre o hospital e a casa da família em Ribeirão. Em uma das vindas, brincou com a filha no sol e voltou para o hospital com marcas.

– Uma enfermeira entrou no quarto e disse: ‘Nossa, aproveitou? Tava na praia?’. Ela não sabe o choro que eu precisei engolir para conseguir brincar com uma filha enquanto a outra estava no hospital. Eu tentava dar um pouco de mim para Rebeca também...

Na trajetória de internações, houve melhoras e pioras. Os médicos chegaram a cogitar o transplante de medula e a cura foi uma esperança forte.

– Eu pedia: ‘Senhor, não deixe ela sofrer. Se for para ela ficar, que seja curada’. Os nossos filhos não são nossos...

Já fazia semanas que Sofia apresentava pioras.

Naquele dia, 4 de fevereiro de 2020, a médica avisou que a família deveria se preparar. Mas a esperança continuava pulsando.



– Ela estava bem, brincando...

Sofia foi partindo aos poucos, batimentos caindo devagar.

A mãe custava a acreditar. Entrou em negação, choque: qual nome dar para tamanha dor? Na despedida final, o pedido desesperado: “Não enterrem minha filha viva”.

Os filhos estão sempre vivos dentro das mães.

– O que eu vou fazer da minha vida agora?

Quem teria alguma resposta? Elas foram vindo aos poucos... Entre dias melhores e outros piores.

– As pessoas estão acostumadas a querer que tudo seja passageiro. É preciso entender o luto de cada um.

Rebeca foi a força principal.

– Todas as vezes em que eu ficava triste, a minha filha vinha me alegrar. É a minha princesa alegria.

A família decidiu continuar em Ribeirão. Mel voltou a trabalhar meses depois, para ocupar a mente e ajudar na casa. Foi vendedora, faxineira e, com apoio de uma cliente, decidiu estudar mais. Está cursando Pedagogia e estagiando na área.

A terceira filha chegou entre o medo e a esperança. Raquel nasceu em maio de 2022. Mais um dos motivos para a mãe prosseguir.

– Todos os dias eu tenho que fazer concertos com Deus, me perdoar, levantar a cabeça e seguir em frente.

O trabalho voluntário, que foi tão incentivado na infância, voltou a fazer parte da rotina. Ensina idosos a ler e a escrever em um assentamento e duas vezes por semana visita hospitais, como integrante do projeto Expresso Riso.

– Hoje eu sei que levar alegria para um espaço de dor é muito importante.

Na escola que trabalha, entre as crianças, Mel procura plantar a semente da conscientização. Explica o que é o Amazonas, mostra



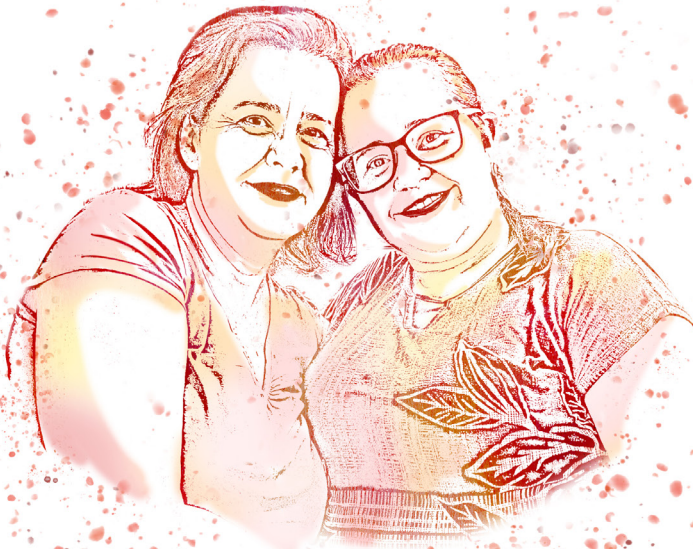
o Brasil que pouca gente conhece. Quer que, no futuro, os pequenos não reproduzam o preconceito de agora.

– Eu entendo que as pessoas são ignorantes não porque querem, mas porque não conhecem.

Ela veio de tão longe buscando vida. É essa a história que guarda.

Para o amanhã quer ver as filhas bem, felizes e com um futuro bonito.

Entre tanta dor, Mel mantém a capacidade de amar, de olhar para o outro e de encontrar espaços para ser feliz. Foi colhendo força no caminho feito por milhares de quilômetros percorridos. As filhas terão motivos para muito se orgulhar.



De mãos dadas com Vânia,
Carla transpôs
as barreiras
da surdez



Carla Dorazzi, 37 anos, planeja voar. Grávida de seu primeiro bebê, se organiza para morar em outro país com o marido quando o pequeno nascer. Parece um planejamento usual. Para ela, porém, o caminho até aqui foi desenhado entre tantos desafios que não caberiam em uma única lista.

A mãe esteve em todos eles, abrindo espaço, afastando as barreiras com amor persistente. Muitas vezes, só ele não bastava. Então, ela se munia de forças e brigava com o preconceito, a falta de acessibilidade, a ignorância que chegava a se vestir de crueldade.

A menina estava com dificuldade de aprender História naquele ano. O motivo? A professora se sentava na mesa e ditava o conteúdo para os alunos copiarem.

Carla nasceu surda. Surdez profunda bilateral.

Passava a aula toda esperando os amigos acabarem para, só então, copiar a aula do caderno deles.

A mãe, Vânia Coimbra de Sousa Barato, 57 anos, foi na escola. “Eu sei o que acontece aqui porque eu me comunico com a minha filha. Eu exijo que você coloque a aula na lousa. Minha filha precisa aprender!”.

Foi uma entre as muitas vezes em que precisou gritar por respeito. Professores que ignoravam a presença de Carla na sala, bullying de colegas, falta de intérprete e, como luta inicial, a compreensão de que as libras são uma língua.

– A Carla nasceu em 1991. A Lei da Libras é de 2002. Usar os si-



nais era algo quase proibido. A fono me dizia: ‘Não dá o que ela quer se ela não falar’. Eu não conseguia me comunicar com a minha filha.

As duas viveram entre silêncios. A pequena já estava com dois anos e meio quando Vânia assistiu a uma cena na porta da escola.

Uma mãe estava se comunicando com a filha usando os sinais da mão. “O que você conseguiu falar para ela?”, Vânia questionou. “Tudo!”, foi a resposta.

Vânia só sabia três sinais. Conseguiu utilizá-los para dizer à Carla o que estava acontecendo ali: “Ela vai na casa da amiga dela”.

A comunicação aconteceu, pela primeira vez.

– Ela não me deixava por dias. Era como se ela me falasse: ‘Conversa comigo, por favor!’.

A mãe decidiu que iria aprender Libras. E que essa seria a forma de conversar com sua menina.

– Eu preciso me comunicar com a minha filha! Preciso ensinar valores para ela.

Carla é a filha caçula de três irmãos. Quando a terceira gestação aconteceu, Vânia torcia por uma menininha para completar a família que já tinha dois meninos.

Houve um surto de rubéola. Ela pegou a doença, mas não teve sintomas.

– Nós tínhamos poucas informações...

Carla nasceu aos oito meses, porque a mãe teve pré-eclâmpsia, quando há um aumento grande na pressão arterial e é preciso antecipar o parto. As duas ficaram bem.

A bebê se desenvolvia muito bem, porém as otites eram constantes. Com um ano tiveram o diagnóstico da surdez. “E agora: o que eu vou fazer?”, foi a primeira reação.

A fala de um dos médicos ecoou por toda a trajetória.

– Um médico me disse que eu iria criá-la igual. ‘A única coisa



diferente é que você precisa ter certeza de que ela entendeu o que você está falando’.

Então, a cada conversa importante com a filha, entre os sinais de Libras, a mãe se certificava: “Você entendeu, Carla? Então repete o que eu falei!”.

O aprendizado foi custoso.

– Eu comprei dicionário, apostila. Foi muito difícil...

Era preciso aprender uma segunda língua, que fluísse fácil, para qualquer papo.

– Eu queria falar com ela de coisa boba, sabe? Sabe aquele filme? Conversar de tudo...

Vânia começou uma trajetória de estudos que nunca se encerra. Se tornou intérprete e atualmente está terminando a faculdade de Letras/Libras.

– O surdo precisa ter noção de mundo. Eu queria que a noção de mundo da minha filha viesse da minha origem, da minha casa.

Carla foi exceção na infância e adolescência. A maioria de suas amigas não podia se comunicar em casa. Vânia diz que havia - e ainda há - uma resistência grande das famílias em aprender libras.

– Uma amiga da Carla sofreu um estupro. E não teve como contar para a mãe.

A casa de Vânia se tornou espaço para trocas e porto-seguro inclusive para as amigas da filha.

A mãe fez os dois filhos mais velhos aprenderem libras também, para poderem se comunicar com a irmã. Um deles se casou com uma amiga de Carla, que também é surda. A comunicação já era rotina por ali, afinal.

A cada nova fase, novos desafios surgiam.

Foi preciso muita briga na escola para que Carla aprendesse a ler e escrever. Insistiu para que a filha fosse reprovada. Do que



adiantava seguir pelos anos sem aprender o essencial? Chamou a imprensa para cobrar intérpretes. Explicava para a filha que era necessário. O conhecimento seria sua liberdade.

– Eu me esforcei muito para aprender porque eu sabia que precisaria no futuro. Mas a inclusão não funciona. Eu nunca aprendi química, física. Eu odeio matemática. Não tinha intérprete.

É Carla quem conta, em Libras. Vânia interpreta para que eu, que não sei os sinais, consiga entrevistá-la.

– Eu consegui realizar meus sonhos porque minha mãe e meu pai me apoiaram. Apostaram em mim.

Carla fez dança para surdos, com participação na televisão. A mãe estava nos bastidores. Trabalhou desde a adolescência e se locomovia de ônibus, para ter sua autonomia. Passeou, namorou, festejou, fez amigas. Tirou carta de motorista. Pôde fazer planos, imaginar um futuro.

A faculdade de Pedagogia foi imposta no começo. Ela não se sentia acolhida. Tinha vergonha de perguntar insistentemente aos professores para que compreendesse o conteúdo.

– Vai sim! Pergunta, eles que não gostem!

A mãe não aceitou faltas.

– Eu tinha que me mostrar forte. Antes de terminar o curso, ela já estava me agradecendo.

E segue ainda hoje.

– Temos poucos surdos formados. A maioria não tem formação. Muitos saem da escola sem aprender nada.

É Carla quem conta.

Ela cursou Pedagogia e hoje é professora de libras na rede municipal de ensino, atuando na sala de inclusão em uma escola. Seu maior desafio é fazer com que os alunos saibam que são capazes.

– Eles não têm sonhos, não têm apoio da família. Eu aconselho:



você precisa sonhar!

Conta que entre oito mães de alunos surdos apenas duas se interessaram em aprender Libras. Ela chama, explica e usa a própria trajetória como exemplo.

Entre decepções e alegrias, vai colhendo frutos.

– Um deles não sonhava. Agora sonha em ser veterinário.

Uma das alunas quer ser professora, como Carla.

Para ela, a inclusão, da forma como é feita, não funciona. É preciso que a escola seja bilíngue, para que a comunicação aconteça.

– Eu crio materiais adaptados para surdos, crio alfabeto, colo desenhos. Procuro explicar as coisas. Se é Dia das Bruxas, por exemplo, eu estudo as origens, a história para que eles possam entender.

Quando Carla começou a namorar com o companheiro, que agora é seu marido, a mãe deu apoio, mas estabeleceu regras. Ele teria que ser fluente em Libras. E não bastou estudar um pouquinho. “Se não aprender, não vai casar”. Ela ficou no pé, até que a filha pudesse compreender e ser plenamente compreendida.

Agora, percebe que é necessário outro movimento.

– Hoje meu papel é outro. Eu preciso me afastar.

Quando a filha contou os planos de morar nos EUA, a mãe não titubeou: “Vai! Voá!”, foi a resposta. O coração aperta, não há como esconder.

Mas a proposta lá de trás era essa:

– Eu eduquei minha filha para ser independente. Tentei prepará-la para a vida. Uma vida sem mim e sem sofrimentos.

Conseguiu. Carla é livre.

Mas enfrenta os olhares tortos do pré-conceito.

– O ouvinte é que tem medo. Se apavora quando percebe que sou surda. Eu falo: ‘Escreve!’ Dá para conversar com o surdo.

A gravidez foi planejada e esperada. Quando o positivo veio, a



dúvida tentou aparecer como companheira.

– Como vai ser? Como eu vou fazer? Então, pensei: vai dar tudo certo! É a vida: as coisas acontecem.

Quer que o filho ou a filha aprenda libras junto com o português. Do mais, vai vivendo.

O exemplo que teve foi dos melhores.

– Eu tive uma ótima mãe, que me ensinou valores, educação. Que me fez acreditar que eu era capaz de fazer as coisas sozinhas. Hoje, sou livre.

Ao final da entrevista, Vânia mostra um texto que guarda há muito tempo. Quando Carla tinha seis anos, a mãe ainda tentava encontrar respostas e caminhos.

– Eu me sentia muito castigada, pesada, culpada.

Na festa de Dia das Mães na escola, a professora leu a carta “Como Deus escolhe um surdo”. O texto dizia que a busca era por uma mãe que pudesse acolher o filho com todo o carinho e a entrega tão essenciais.

– Foi uma libertação. Parecia que ela estava lendo para mim. E agora?

– **Eu me sinto realizada. Cumpri a minha missão.**

Segue acompanhando os voos de Carla.

São altos, com o alicerce que a mãe muito bem construiu. Não há medo. Só mesmo vontade e amor.

ESTA É UMA OBRA FEITA DE HISTÓRIAS REAIS.

Um livro que retrata a diversidade do existir, em múltiplas formas. Nas dez histórias publicadas nestas páginas há muita singularidade. E há também um elo: a resistência para ser, rompendo as amarras do preconceito.

“Vidas diversas - Histórias de quem resiste” retrata, por meio do Jornalismo Literário, as trajetórias de quem precisa, dia a dia, sem pausas, lutar por respeito.

Vânia e a filha Carla transpõem as barreiras da surdez. Márcio conquista formações sem a visão. Mari, Fer e Manu formam uma família onde mora o amor. Mãe Neide e Macalé lutam pelas origens. Ruan faz do skate suas pernas. Eme encontra nas artes espaço para ser. E muito mais...

As histórias de vida, como essas aqui publicadas, mudam olhares e ideias. Aproximam e constroem as pontes da empatia. São, assim, um potente espaço de transformação. Resistir é existir!